

Experiências fotográficas e educação em “Meu mundo teu”

Photographic experiences and education in “My world yours”

Experiencias fotográficas y educación en “Mi mundo el tuyo”

Daniela Nery Bracchi

Universidade Federal de Pernambuco

daniela.bracchi@ufpe.br

<https://orcid.org/0000-0003-3247-0202>

RESUMO

Este artigo parte da obra artística “Meu mundo teu”, parceria do fotógrafo Alexandre Sequeira com dois adolescentes paraenses, como mote para levantar contribuições ao campo da educação. Esta é uma pesquisa de tipo bibliográfica que se apóia nos escritos sobre um trabalho artístico determinado (GERALDO, 2017; SEQUEIRA, 2010, 2012 e 2014), além de teóricos sobre arte relacional (BOURRIAUD, 2009) e pesquisadores que desenvolvem estudos sobre a importância da experiência para os homens (AGAMBEN, 2008; BENJAMIN, 1994 e 2012) e para a educação humana (JAY, 2005; PAGNI, 2014). A pesquisa desenvolve considerações sobre a noção de experiência enquanto conceito central para a colocação em diálogo de criações artísticas e vivências educativas. Além disso, reflete sobre o papel das técnicas fotográficas analógicas para a construção de outras temporalidades subjetivas e para a tecitura de outra relação com o mundo que se dá pela narração. A obra artística, por fim, pode ser entendida como diálogo fotográfico com papel emancipador sobre o modo de vida de sujeitos distintos.

Palavras-chave: Produção artística. Fotografia. Experiência.

ABSTRACT

This article takes the artistic work “My world yours”, by photographer Alexandre Sequeira in partnership with two teenagers from Pará, as a motto to raise contributions to the field of education. This is a bibliographic research based on writings about a determined artistic work (GERALDO, 2017; SEQUEIRA, 2010, 2012 and 2014), in addition to theorists on relational art (BOURRIAUD, 2009) and researchers who develop studies on the importance of experience for men (AGAMBEN, 2008; BENJAMIN, 1994 and 2012) and human education (JAY, 2005; PAGNI, 2014). The research develops considerations about the notion of experience as a central concept for the dialogue between artistic creations and educational experiences. In addition, it reflects on the role of analogue photographic techniques for the construction of other subjective temporalities and in the weaving of another relationship with the world that occurs through narration. Finally, the artistic work can be understood as a photographic dialogue with an emancipatory role on the way of life of different subjects.

Keywords: Artistic production. Photography. Experience.

RESUMEN

Este artículo parte de la obra artística “Meu mundo el tuyo”, del fotógrafo Alexandre Sequeira en asociación con dos adolescentes de Pará, como lema para plantear aportaciones al campo de la educación. Se trata de una investigación bibliográfica basada en escritos sobre una determinada obra artística (GERALDO, 2017; SEQUEIRA, 2010, 2012 y 2014), además de teóricos del arte relacional (BOURRIAUD, 2009) e investigadores que desarrollan estudios sobre la importancia de la experiencia para los hombres (AGAMBEN, 2008; BENJAMIN, 1994 y 2012) y la educación humana (JAY, 2005; PAGNI, 2014). La investigación desarrolla consideraciones sobre la noción de experiencia como concepto central para el diálogo entre creaciones artísticas y experiencias educativas. Además, reflexiona sobre el papel de las técnicas fotográficas analógicas para la construcción de otras temporalidades subjetivas y en el tejido de otra relación con el mundo que se da a través de la narración. Finalmente, la obra artística puede entenderse como un diálogo fotográfico con un rol emancipador sobre el modo de vida de diferentes sujetos.

Palabras clave: Producción artística. Fotografía. Experiencia.

Introdução

O entrecruzamento entre arte e educação traz contribuições para se pensar as práticas e experiências artísticas enquanto meios de ampliação poética da visão de mundo de alguém. Neste artigo, adota-se a hipótese de que as experiências artísticas proveem importantes recursos para a educação na medida em que ajudam a expandir a capacidade narrativa que constitui a vida humana.

Na esteira dos estudos do campo da filosofia da educação, objetiva-se aqui analisar as potencialidades humanizadoras das experiências fotográficas. Propõe-se o entrecruzamento de pesquisadores do campo da arte e da educação como rota que leva à compreensão do aporte que as experiências fotográficas trazem para o âmbito educacional. Enquanto caminho de análise do tema, elege-se ainda o olhar vertical para uma prática artística concreta realizada recentemente no país.

Parte-se das considerações do campo artístico sobre arte relacional para que seja abordada uma prática fotográfica que mostra, nos seus modos de construção da imagem e da vivência do mundo, um potencial emancipador do sujeito. O interesse está em pensá-la no entrecruzamento entre arte e educação. Isso porque o conceito-chave que lança a obra “Meu mundo teu”, de Alexandre Sequeira em parceria com dois adolescentes, para o diálogo com a educação é aquele de “experiência”.

Sendo assim, esta pesquisa inicia estabelecendo o contexto no qual aconteceu a prática fotográfica para então prosseguir na investigação sobre como ela se realiza

enquanto experiência. Será entendido que é por meio da vivência da escrita de si e do mundo que Sequeira e os dois jovens envolvidos na obra realizam uma imersão num outro domínio da existência que ultrapassa a lógica racionalista. Serão aprofundadas, então, considerações sobre a técnica da fotografia artesanal enquanto meio ou veículo comunicativo para que a experiência de diálogo e narração do mundo aconteça em “Meu mundo teu”. Em seguida, a pesquisa propõe a imersão nas fotografias produzidas para poder enxergar mais longe a fecundidade da união de mundos e sujeitos diversos na superfície da imagem fotográfica.

Metodologia

A partir de algumas considerações bibliográficas iniciais sobre arte relacional e sobre a concomitância da centralidade da experiência em determinadas práticas artísticas e numa noção emancipatória de educação, desenvolve-se uma pesquisa de tipo bibliográfica. Neste estudo, investiga-se a potencialidade educacional e emancipatória de experiências fotográficas a partir do resgate do que tem sido publicado sobre “Meu mundo teu”, obra artística do paraense Alexandre Sequeira em parceria com dois adolescentes e constituída por 18 imagens. Sequeira é um artista que gosta de se apresentar como um andarilho e contador de histórias. A prática artística que funda esse trabalho foi relatada pelo próprio fotógrafo num capítulo de livro de 2014 (SEQUEIRA, 2014) e aqui nos serve como base narrativa para pensarmos criticamente a contribuição das experiências fotográficas para o âmbito da educação.

“Meu mundo teu” é, portanto, o trabalho artístico que serve como base para estas reflexões e foi resultado da Bolsa de Pesquisa, Criação e Experimentação Artística 2007 do Instituto de Artes do Pará. A escolha de tal obra justifica-se na medida em que “Meu mundo teu” alcançou reconhecimento no âmbito artístico. Sua circulação inicia-se com uma exposição homônima de 2007 em Belém. Além das imagens, foram exibidas naquela ocasião algumas das cerca de 30 cartas trocadas pelos jovens, além do áudio com a leitura de trechos dessas correspondências declamados pelos próprios adolescentes e exposição das câmeras fotográficas e materiais utilizados durante a vivência do diálogo entre Tayana e Jefferson.

Em 2011, algumas dessas fotos integraram a exposição “Geração 00 – A Nova Fotografia Brasileira” exibidas no Serviço Cultural do Comércio do bairro do Belenzinho (Sesc Belenzinho), em São Paulo. Já em 2016, este e outros trabalhos do fotógrafo foram

reunidos em mais uma exposição homônima realizada no Museu de Arte do Rio (MAR). Esta última exposição foi aquela que mais fez circular o trabalho de Sequeira, e incluía um conjunto de obras, dentre elas a que tratamos neste artigo. O mérito artístico do trabalho aqui abordado é, portanto, inteiramente reconhecido no contexto da fotografia. No entanto, compreende-se que o potencial reflexivo que essa experiência artística aporta no âmbito educacional é algo que vale a pena ser explorado neste artigo.

Deve-se deixar manifesto não ser possível refletir nesta pesquisa sobre todos os passos e estratégias que aparecem no processo de criação de “Meu mundo teu”. Ficam de fora, portanto, uma série de ações e trocas que constituem o nascimento dessas imagens. Relata-se, no entanto, de que forma o fotógrafo chegou aos dois jovens, de acordo como foi narrada por Sheila Geraldo:

O encontro com Jefferson se deu inesperadamente, quando o menino, por provocação, atirou uma pedra no forasteiro que passava com sua máquina fotográfica pelo Cumbu. Esse foi o pretexto para o que e viria a ser uma longa conversa e que passou a envolver também Tayana, que Sequeira conhecera ao dar uma oficina de desenho no Guamá (GERALDO, 2017, p. 145).

Não será possível abordar a preparação e o encontro inicial entre os jovens e o artista, além de muitas outras ações e trocas realizadas durante o ano de 2007 e que culminaram com a exposição das fotografias que até hoje circulam no meio artístico. Este artigo permanece, portanto, nas ações que se referem mais diretamente à elaboração das fotografias como fio condutor de nossas considerações.

Ressalta-se, ainda, o ganho analítico em apoiar-se em uma obra fotográfica realizada em nosso país, pois isso permite a criação de diálogos mais justos com os trabalhos fotográficos aqui realizados e fortalece uma rede de artistas e educadores prontos a pensarem tal tema no território brasileiro. “Meu mundo teu” abarca o diálogo entre lugares díspares, indo da periferia da cidade de Belém a um pequeno povoado amazônico. Aqui é possível ver com mais nitidez o potencial de crescimento humano assentado no diálogo realizado por pessoas em contextos diferentes.

“Meu mundo teu”: obra-caminho

A obra aqui abordada consiste em 18 fotografias que são fruto do diálogo estabelecido em 2007 por dois adolescentes que moravam em cenários diferentes. Tayana

Wanzeler habitava a periferia de Belém, enquanto Jefferson Oliveira¹ uma ilha de mata nativa próxima à mesma cidade. O processo interativo que aí se estabelece entre os dois jovens por meio de cartas e fotografias realizadas com câmeras fotográficas de base industrial e artesanal será o alicerce para a montagem de uma exposição artística num centro cultural de Belém ainda no mesmo ano de 2007. As cerca de 30 cartas trocadas entre os jovens e as 18 imagens exibidas na exposição remontam ao diálogo estabelecido entre os dois adolescentes, que compartilharam um para o outro o lugar onde viviam, pessoas com as quais conviviam, gostos e sonhos.

Considera-se que “Meu mundo teu” não é uma obra isolada na história da arte. Ela se insere num conjunto maior de trabalhos e reflexões artísticas que, desde a década de 1960, apontam a centralidade da experiência vivida enquanto potência estética, pedagógica e política da arte. Afinal, sobre que arte está sendo falado aqui?

O conjunto de trabalhos aos quais a experiência de Sequeira se filia é identificado como arte relacional ou estética relacional, na qual se enquadram práticas artísticas que tomam como ponto de partida teórico e prático o campo das relações humanas e seu contexto social (BOURRIAUD, 2009). Esse conjunto de obras promove uma inversão dos objetivos estéticos culturais e políticos em voga anteriormente e que priorizavam o aspecto objetual e plástico das obras. No caso mais específico da fotografia, observou-se por muito tempo uma dificuldade em se considerar as importantes relações de poder que se estabelecem entre fotógrafo e fotografado e que obras relacionais como a de Sequeira convidam à reflexão.

Se até então, o espaço simbólico no qual os trabalhos artísticos se davam, envolvia as figuras estanques do artista, obra e público, depois de 1960 uma série de obras mais bem descritas enquanto “experiências” passam a questionar os limites de atuação social e política da arte. A figura do artista é deslocada para se tornar uma espécie de catalisador das experiências. Um exemplo bastante elucidativo desse tipo de obra é “Food”, restaurante-obra aberto pelo artista Gordon Matta-Clark em conjunto com outros artistas em 1971 no bairro do Soho, em Nova Iorque. O local servia de espaço de convívio para um

¹ Este artigo trata a obra "Meu mundo teu" por meio de revisão bibliográfica sobre o tema. Esclarece-se que a atividade artística foi realizada pelo fotógrafo Alexandre Sequeira e não pela autora deste artigo. Desse modo, o nome dos participantes encontra-se publicado em capítulos de livros e artigos disponíveis para consulta de acordo com as referências bibliográficas constantes nesta publicação. Em relação aos trâmites relacionados ao registro dessa atividade artística em órgãos como comitês de ética, eles são de responsabilidade daquele que realizou as atividades com os adolescentes, ou seja, do fotógrafo Alexandre Sequeira e não da autora deste artigo.

público composto majoritariamente por artistas e era considerado uma intervenção artística no contexto urbano, provendo a oportunidade de encontro, trabalho e alimentação. Não se trata de um antigo e isolado exemplo na história da arte, mas percebe-se que esses princípios foram ampliados, tornam-se atuais e chegam até nós de maneira icônica na Bienal de Arte de São Paulo de 2016, quando Jorge Mena Barreto propôs “Restauero”, um restaurante-obra que compunha a 32ª Bienal e que foi projetado para explorar a experiência do comensal.

O tipo de preocupação na qual essas obras se inserem pode ser esclarecido por Bourriaud (2009, p. 63): “ficaremos contentes em criar modi vivendi que permitam relações sociais mais justas, modos de vida mais densos, combinações de existência múltiplas e fecundas... a arte não tenta mais imaginar utopias, e sim construir espaços concretos”. Percebe-se, assim, o deslocamento de importância da obra enquanto objeto material e já realizado para as experiências que se dão enquanto alguma ação é performada.

É interessante notar o caráter de novidade de tal descentramento da obra, pois a literatura que até então trata de processos artísticos (SALLES, 1998; BAXANDALL, 2006) tende a considerar as figuras separadas do artista e da obra. Nesses autores, a criatividade e o processo artístico são considerados enquanto algo que se dá com o objetivo de criar formas materiais.

Neste artigo são tratadas experiências que não deixam de ter um resultado material, mas que apoiam a centralidade de seu existir nas experiências humanas que se dão no momento de criação desse resultado material. Em “Meu mundo teu”, a produção de imagens serve de base para o relacionamento que se estabelecerá entre os três (os dois adolescentes e Sequeira). A criação textual e imagética serve como mediação e estímulo para que o diálogo narrativo entre sujeitos e mundos distintos ocorra. É nesse sentido que Sequeira demonstra plena consciência do papel prioritário que construir diálogos tem sobre produzir imagens.

Percebo que, a cada novo trabalho que desenvolvo, distancio-me do ato de fotografar propriamente para, através da fotografia, tratar de questões que surgem das relações que estabeleço com as pessoas ou grupos em minhas ações. É para o encontro propiciado pela fotografia que dirijo minhas atenções, para dele conceber minha prática no campo das artes (SEQUEIRA, 2012, p. 152).

Ainda assim, “Meu mundo teu” tem um desenrolar material e o resultado dessa vivência é exposto enquanto cartas e imagens feitas pelos dois adolescentes. As fotografias foram realizadas por meio de mais de um modelo de câmera artesanal. Também constitui a exposição fragmentos das cartas que trocaram e áudios nos quais escutamos cada um deles lendo trechos de suas conversas epistolares. A exibição foi visitada pelos próprios adolescentes no dia de sua inauguração, em dezembro de 2007. É quando finalmente Tayana e Jefferson se conheceram pessoalmente e atualizaram um encontro que antes se deu por meio de imagens e cartas.

Mais adiante, prossegue-se a explorar, neste artigo, a importância das trocas de relatos dos jovens serem materializados em fotografias e textos escritos. Entende-se que não deve ser desconsiderado o potencial humanizador da produção de discursos (imagéticos e verbais) que, ao imprimirem sua marca no mundo, afirmam mundos subjetivos em diálogo.

Não é defendido nesta pesquisa, portanto, uma espécie de desmaterialização da arte. O universo das práticas artísticas aqui abordadas costuma materializar seus resultados na forma de textos verbais, visuais ou mesmo espaciais (tal como nos exemplos de espaços de convivência dos restaurantes-obras). No entanto, tais vivências se destacam pelo valor simbólico que constroem ao propor e refletir a esfera transformadora das relações humanas. É a experiência do diálogo e das trocas que está no centro de um trabalho artístico que, ao mesmo tempo em que é gerada a materialidade que exhibe, concretiza e rememora a importância dessas trocas.

Toma-se essas experiências relacionais de base estética como meio de esclarecer nesta pesquisa a educação enquanto prática que valoriza um saber relacional e sensível. Isso porque as trocas intersubjetivas propiciadas nas práticas artísticas, e especialmente no exemplo aqui analisado, são interativas, conviviais e relacionais, exibindo experiências de dissenso, diálogo, ampliação de valores e sensibilidades mundanas. Desse modo, explora-se a seguir a centralidade do conceito de experiência para se estabelecer uma perspectiva na qual as práticas artísticas e educacionais podem ser entrelaçadas.

A experiência enquanto meio de transformação na arte e na educação

Esta pesquisa entende a importância do termo “experiência” artística para designar os trabalhos fotográficos que problematizam a esfera das relações humanas.

Sabe-se, por meio dos estudos de Martin Jay (2005), a noção variada que o termo experiência carrega em diferentes tradições filosóficas. Tal denominação pode ser aproximada do âmbito da educação, e vale remontar aqui à arqueologia que o pesquisador espanhol Jorge Larrosa realiza desse conceito em seu ensaio de 2002. O autor chama a atenção de que a experiência é, em primeiro lugar, um encontro.

Pressupõe-se aí a abertura e curiosidade perante o mundo e as ideias do/a outro/a. Mas, de modo ainda mais essencial, compreende-se que aquilo que é capaz de nos impactar decorre da existência de um mundo outro, de um dissenso em relação à nossa experiência cotidiana de comunicação e de apreensão do mundo. Nesse sentido, sem dúvida o mote do trabalho de Sequeira é justamente o encontro, recoberto pela temática da amizade que acontece entre os dois adolescentes por meio de cartas e fotografias. Tal amizade se estabelece perante o risco e a indefinição, pois as coisas poderiam não ter se desenrolado dessa forma, uma vez que a realização de imagens não pressupõe como certa a aproximação de afetos.

Outro aspecto que compõe a experiência é a suspensão da sensibilidade cotidiana, que dá lugar a uma outra temporalidade na apreensão do mundo. Para tanto, Larrosa (2002, p. 24) aponta que a experiência requer um gesto de interrupção:

[...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Tais observações remetem à suspensão da experiência cotidiana que Sequeira proporciona no cotidiano dos dois jovens. A principal ferramenta para tanto é a adoção da tecnologia analógica de captura e revelação fotográfica, que segundo Sequeira (2014, p. 96) "pede um tempo maior para perceber as coisas do mundo". Esse é um rompimento tão profundo e que possibilita uma mudança no modo de se relacionar com o outro e com o mundo que merece ser analisado mais pormenorizadamente no decorrer desta pesquisa.

Mas, desde já, entende-se que é a partir da centralidade da experiência e das trocas humanas que a prática artística aqui abordada pode ser aproximada do universo da educação. A fotografia constitui uma proposição de formas de relações entre as pessoas, de comunicação e de compreensão do mundo. Em “Meu mundo teu”, a fotografia não tem o

papel de representar mundos, mas seu ofício é aquele de produzir as condições para que o encontro aconteça.

Atuando para construir experiências significativas na vida dos dois adolescentes colocados em relação, a fotografia age no campo da sociabilidade e das emoções, âmbito no qual a lógica racional não está tão presente. São experiências de convívio e domínios de trocas tecidas por meio de técnicas artísticas cujo substrato é a intersubjetividade. Por isso, configuram-se como poderosos instrumentos para se expandir a visão de mundo e a visão de si por meio do contato com o outro, ultrapassando a lógica racionalista do conhecimento moderno que Pagni (2014, p. 12) esclarece:

A racionalidade instrumental ou técnica, em que o ensino se apoia e pela qual os processos de aprendizado se adequam ao desenvolvimento da arte pedagógica, na modernidade, contribuiu para minimizar ao máximo as qualidades artísticas da práxis educativa, afastando os saberes e as práticas escolares das possíveis relações com sua dimensão estética e da sua implicação com a vida.

Percebe-se, assim, que a própria noção de educação evocada nesta pesquisa merece ser considerada no seu aspecto humano e emancipador. Isso porque faz parte dos valores caros à educação a possibilidade de formação do sujeito por meio da narração estética de sua vida. Quanto a isso, Larrosa (2002, p. 65) esclarece que “essa dimensão poética se adquire, por um lado, mediante a relação com a arte e, especialmente, com a multiplicidade que exprime”. Clama-se, portanto, que a dimensão estética a partir da qual o indivíduo narra a si mesmo por meio da arte faz parte daquilo que constitui o âmbito educacional.

Dentre os trabalhos artísticos que atuam sobre a experiência intersubjetiva de mundo, “Meu mundo teu” se destaca por propor sua atuação com jovens adolescentes. Sabe-se que a infância e juventude são períodos cruciais na história da pessoa para que ela desenvolva uma visão de mundo e de si. Nessas duas fases da vida, o fato de os sujeitos poderem ser colocados na posição de narrarem seus gostos e histórias de vida possibilita que eles se vejam desde cedo como sujeitos ativos que atribuem sentido às suas vivências.

Ao narrarem um para o outro suas histórias e gostos, Tayana e Jefferson praticam a faculdade de intercambiar experiências. Nesse sentido, vale entender que esse modo de ação no mundo busca algo em declínio já há algum tempo, conforme apontado por Benjamin (2012) e Agamben (2008) em seus estudos sobre o empobrecimento da experiência.

Pode-se explorar um aspecto da narração identificada por Benjamin (1994) que diz respeito à ligação entre o tempo dilatado de trabalhos manuais, artesanais e a necessidade de duração e amadurecimento subjetivo para que algo seja narrado. A narração é a colocação em palavras e gestos da própria matéria que constitui a vida humana e que assume uma forma verbal e visual. Para que o narrado tome corpo, é necessário o processo de decantar das experiências, o que exige um tempo apontado por Benjamin como análogo àquele do artesanato que transforma uma matéria informe em algo útil, sólido e único. Tal observação nos remete diretamente às estratégias utilizadas pelo fotógrafo em relação às técnicas propostas para a comunicação entre os adolescentes: a carta e as fotografias analógicas. Isso porque, nessas duas formas textuais (verbal e imagética), o tempo de produção é dilatado, permitindo de maneira mais ampla o pensar e repensar de palavras e enquadramentos, o esperar da revelação, o decantar do vivido que tomará a forma de narrativa.

Compreende-se que a narração é aqui o meio para que emerja daí um/a narrador/a que é também uma pessoa emancipada. Aqui, o termo emancipação segue em conformidade com os estudos de Jacques Rancière (2012), que postula a importância da postura ativa do sujeito frente aos objetos artísticos. A emancipação se dá na relação do sujeito com a obra de modo a dela se apropriar e transformá-la em novas narrativas.

No caso da prática artística que trazemos à tona aqui como caminho de análise, colocar em diálogo adolescentes que vivem em territórios distintos, permite a aventura de inventar modos de estarem juntos, de estabelecerem um diálogo que pode partir dessas diferenças, mas que exige estabelecer trocas assentadas sobre esferas em comum.

Enquanto Jefferson conta sobre a possibilidade de poder sempre tomar banho de igarapé e exibe o gosto pelo futebol e pela marca *Nike*, Tayana costura sua existência a partir do gosto pelo desenho e música. Desse modo, a possibilidade de diálogo traz a necessidade de Tayana e Jefferson serem narradores de seus mundos para que imagens e palavras que expressam o universo ao seu redor alcancem o/a outro/a.

As cartas intercambiadas ao longo de 2017, por exemplo, exibem a curiosidade para conhecer o universo do/a outro/a. Uma vez que moram em cenários periféricos distintos, é estabelecido um convívio que dificilmente ocorreria na sociedade atual dos guetos do tecnoconvívio. Não se trata de advogar contra o uso dos dispositivos digitais, uma vez que sabe-se, tal como menciona Agamben (2009, p. 48), não há "um só instante da vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum

dispositivo" e a câmera analógica configura uma alternativa ainda dentro da vida mediada por dispositivos.

No entanto, o que o tecnoconvívio termina por proporcionar, em termos sociais e individuais, é uma padronização em larga escala da experiência, abordada pelo filósofo Bernard Stiegler (STIEGLER, 2004). Ele explica que essa homogeneização das vivências implica na perda da identidade e da singularidade subjetivas, conduzindo também ao perigoso desaparecimento da participação e criatividade individuais na construção dos símbolos que se constroem e se compartilham. O que o autor termina por propor é a criação de antídotos capazes de reintroduzir a singularidade na experiência cultural, o que se percebe que pode ser feito quando as etapas de produção da imagem analógica são protagonizadas pelos sujeitos fotógrafos e postas a circular, de acordo com o que acontece em "Meu mundo teu".

Para além das experiências sociais que permeavam a vida dos dois jovens, há observações decorrentes dessa vivência que podem ser pensadas para uma parcela da juventude imersa nas formas de comunicação legadas pelas tecnologias e pelas redes sociais. Para os nativos digitais há de forma ainda mais presente a vivência de narrativas breves, assim como uma maior desrealização do sujeito alcançado por esses relatos.

É nesse sentido que pode parecer que a proposta do fotógrafo de colocar em diálogo dois adolescentes por meio de cartas e imagens seria retrógrada, ultrapassada e antiquada. No entanto, Sequeira institui uma assincronia, a experiência de um outro tempo do viver e narrar. Entende-se que tal ritmo outro pode ser vivido em paralelo pelos jovens nativos digitais, se houver uma expansão das reflexões de “Meu mundo teu” para a era do tecnoconvívio. É nesse sentido que a narração escrita por meio de cartas demonstra um potencial reavivador da narração da experiência. E sabe-se que narrar a experiência é importante para que a pessoa se estabeleça enquanto ativa organizadora das informações, tornando possível explicitar sua visão das coisas. Por meio da colocação em discurso de seus gostos e preferências, é possível ativar a consciência de ser sujeito/a em meio ao mundo.

Esse caráter atuante de narrar experiências é abordado por Agamben (2008, p. 23) em termos de tomar para si uma autoridade.

Porque a experiência tem seu correlato necessário não no conhecimento, mas na autoridade, ou seja, na palavra e no conto, e hoje ninguém mais parece dispor de autoridade suficiente para

garantir uma experiência, e se dela o dispõe, nem ao menos o aflora a ideia de fundamentar em uma experiência a própria autoridade.

A oportunidade de produzirem cartas e fotos dá às pessoas a autoridade de narrarem o mundo. Nos diálogos epistolares e imagéticos, Tayana e Jefferson são atravessados pelos gostos, memórias e indagações do outro. E, nesse dar-se ao diálogo, algo fica marcado neles mesmos como experiência. Não pode-se deixar de notar, ainda, uma última consideração de Larrosa sobre o sujeito da experiência que suscita importantes analogias. O pesquisador espanhol expõe que “o sujeito da experiência é um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo” (LARROSA, 2002, p. 24). Deve ser lembrado, então, que a fotografia ocorre exatamente como materialidade sensível na qual se imprimem os raios luminosos. Ela termina se mostrando como cicatriz da luz que a atravessou. Sendo marca e passagem, em seguida a técnica fotográfica é abordada como meio de propor novos ritmos na apreensão do mundo.

Técnicas fotográficas artesanais e construção de experiência

A fotografia é o trampolim para o diálogo entre as idas e vindas que o fotógrafo realiza entre as casas dos dois jovens. Nesse contexto, os jovens participaram de oficinas de fotografia analógica e revelação ministradas individualmente por Sequeira para cada um dos adolescentes. O fotógrafo montou tendas de revelação nos arredores da casa de cada um deles, ensinando as noções básicas de captação da imagem e revelação fotográfica.

Desse modo, Tayana e Jefferson puderam realizar imagens por meio de câmeras artesanais de um e dois furos, além de uma câmera de base industrial, comercial. A técnica da câmera pinhole é aquela que constitui a fotografia em sua forma mais artesanal. Esse tipo de fotografia é assim chamado porque a luz entra através de um pequeno orifício, geralmente do tamanho de um buraco de agulha. O material fotossensível é colocado dentro dessa câmera, geralmente feita de objetos do cotidiano muito baratos, como caixa de fósforo, latas de refrigerante ou embalagens já utilizadas de filme fotográfico.



Figura 1 - câmeras pinhole de um e dois orifícios utilizadas por Tayana e Jefferson.

Fonte: Adaptado do vídeo “Meu mundo teu”, 2017. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=nwHN9LT2ec8>>. Acesso em: 16 set. 2020.

A fabricação de uma câmera desse tipo tem um componente lúdico e empoderador, decorrente da surpresa gerada na pessoa por ter construído sua própria câmera. Sequeira (2014, p. 95) demonstra total consciência enquanto artista do aspecto lúdico presente na fabricação da câmera a ser utilizada em sua prática:

[...] a opção pela utilização de equipamentos fotográficos artesanais foi absolutamente determinante. Sabia que tinha ali um elemento mágico. Um instrumento que trazia o espírito curioso e investigativo de toda criança para dentro de nosso jogo. Quem de nós quando pequeno não se deleitou com a construção de algum invento: um pequeno barraco nos fundos do quintal; um carrinho de rolamento, ou até mesmo a construção de uma pipa.

Considera-se que o aspecto lúdico é bastante importante tanto no campo artístico como educacional. Segundo Huizinga (1999), o jogo é um fenômeno cultural, que se processa fora da esfera de necessidade ou de utilidade material. A ausência de utilitarismo é importante para que os valores intersubjetivos e sociais apareçam de modo mais expressivo na situação de comunicação entre os jovens. Deve-se lembrar que o desenrolar de um jogo se dá num ambiente de arrebatamento e entusiasmo, fazendo-se acompanhar

de uma ação que gera o sentimento de exaltação e tensão, seguida por um estado de alegria e de distensão. Percebe-se, aqui, que esses elementos de ludicidade presentes no ato de construção do suporte imagético potencializa o caráter ativo do sujeito que intervém e molda o mundo material com vias a construir uma representação fotográfica desse mundo.

É nesse ambiente de curiosidade suscitado pela ludicidade que se deu a criação de um saber sobre a técnica fotográfica. Os dois adolescentes receberam de Sequeira uma oficina ensinando as noções de técnica fotográfica, assim como conhecimentos que os permitiram executar a revelação química de imagens. Esse é mais um aspecto rico da técnica fotográfica, porque nos procedimentos e manuseios, que fazem parte da revelação analógica, estão implicados o corpo do ser/da pessoa e uma percepção atenta das mudanças que se dão sobre o papel fotográfico. Tal revelação advém como uma grande oportunidade de Tayana e Jefferson performarem um papel ativo nas etapas de produção e revelação da imagem.

Ainda que os dois jovens não tivessem, em 2007, o mundo digital e o mundo das telas presentes sobremaneira em suas vidas, vale apontar as especificidades da materialidade analógica. Desse modo, parte-se da experiência de “Meu mundo teu” para uma reflexão sobre a sociabilidade digital que permeia a vida de uma parte de nossos/as jovens. Vale, então, apontar que o ineditismo do uso dessa materialidade analógica para os nativos digitais pode permitir a construção de formas de comunicação que se distanciam daquelas oferecidas pela era da tela. O imediatismo da comunicação propiciado pelos aplicativos digitais e a passividade característica dos meios de massa, tal como a televisão, podem ser contrapostos pelo tempo dilatado da produção e revelação química dessas imagens pelos próprios jovens.

Retornando, então, à experiência de “Meu mundo teu”, percebe-se que as pausas e esperas do processo fotoquímico reverberam os elementos de indefinição e mistério varridos pelo racionalismo do campo das experiências humanas. E o tempo é ainda ampliado mais uma vez pela duração das viagens de idas e vindas do fotógrafo entre as duas localidades nas quais os jovens habitam, nas quais Sequeira transporta as cartas e fotos produzidas.

O artista relata ainda que a câmera pinhole funcionou como importante catalisador do diálogo e negociações intersubjetivas com vistas à produção de imagens. Tal fato se dá

em decorrência de o equipamento não oferecer um visor que mostre a prévia da fotografia a ser feita.

Uma máquina artesanal com sua estrutura de máquina cega (sem o visor para enquadramento prévio do objeto a ser fotografado) acaba se convertendo em um indutor à socialização da experiência. Não é mais apenas uma pessoa que, olhando pelo visor, decide e conduz o ato fotográfico. Em torno da máquina mais de um pode analisar e trocar impressões sobre as relações entre o assunto a ser abordado e o ângulo escolhido (SEQUEIRA, 2014, p. 96).

A incerteza sobre o resultado final da imagem é aqui o indutor das conversas e trocas em torno do aparato fotográfico que descentraliza a pessoa enquanto autor/a da imagem. Isso torna a fotografia não mais um meio para produção de um objeto, mas caminho para que encontros e negociações estéticas se estabeleçam. Desse modo, em “Meu mundo teu”, a representação imagética final é a materialização de um modo de sentir e pensar o mundo que foi dialogado. É dessa maneira que a fotografia se mostra como experiência de imagem deslocada do automatismo e pronta a permitir que se tome consciência dos modos de produção de imagens enquanto modos de interação e relações humanas.

O tempo expandido da produção das fotos é reverberado ainda no tempo da conversação ocorrida por meio de cartas trocadas entre os jovens. Tanto no tempo de produção da imagem, quanto no da palavra, Sequeira aciona um modo de fazer dentro do trabalho artístico capaz de tornar a técnica uma maneira de pensar, ver e viver. Aqui, mais uma vez, a desaceleração dá o tom para que o sujeito se engaje de outra forma na construção do discurso. Sequeira relata que estava temeroso de que os jovens esmorecessem os ânimos frente a sua proposta de se comunicar por meio da escrita manual. Mas, para sua surpresa, a sugestão foi bem recebida.

A diferença no modo de organização do pensamento e das palavras que a escrita manual provoca foi muito bem descrita pelo semiótico italiano Umberto Eco (2009, n.p). Segundo ele, a escrita à mão é uma arte esquecida que “nos obriga a compor a oração mentalmente antes de escrevê-la. A resistência da caneta no papel realmente nos faz parar para pensar”. O tempo expandido da produção de palavras e imagens é o que dá a tônica da comunicação entre Jefferson e Tayana. E o discurso que, vagarosamente vai surgindo, permite que nele se assente melhor as negociações da pessoa não só com o mundo, mas

com ela mesmo, com os pensamentos e palavras que escolhe e encadeia nas linhas caligrafadas.

Percebemos que a dimensão do fazer possui uma potencialidade emancipadora, possibilitando que o sujeito perceba a força dos hábitos perceptivos e comportamentais criados pelo complexo tecnoindustrial e possa transcendê-los em formas expressivas que carregam outra sensibilidade frente às pessoas, ao mundo e ao seu próprio modo de organizar o discurso sobre as coisas.

Imagens de um encontro

Vale agora se deter nas imagens produzidas em parceria por Tayana e Jefferson como modo de explorar as camadas de sentido que podem ser apreendidas desse encontro que se estabelece por meio da fotografia. O primeiro conjunto de imagens que cada adolescente produz é realizado com uma câmera pinhole de um orifício oferecida pelo fotógrafo e construída a partir da embalagem do rolo de filme fotográfico colocado sobre uma base de madeira.

Os adolescentes passam pelo aprendizado sobre o uso desse dispositivo técnico. Há a necessidade de um tempo dilatado de exposição do papel fotográfico que se encontra dentro da câmera. Esse requisito técnico de longa exposição traz duas mudanças importantes na experiência cotidiana. A primeira é a que Tayana e Jefferson precisam ter um entendimento sobre as condições de luz no momento da captura da imagem e foram orientados sobre a particularidade da captação de imagem no suporte analógico quando realizaram o treinamento dado por Sequeira individualmente para cada um dos jovens. A depender da hora do dia, intensidade dos raios solares e cena a ser fotografada (que pode estar sob a incidência de sol direto ou sombra), há variações na quantidade de segundos a serem assumidos para a exposição correta da imagem. Desse modo, os adolescentes são levados a estarem sensorialmente conscientes de condições ambientais, colocando-os em relação direta com o ambiente no qual estão presentes.

Em decorrência desse tempo dilatado de exposição, uma outra necessidade técnica se impõe que tem consequências estéticas importantes. É o fato de a câmera precisar estar apoiada em alguma superfície estável durante a captura da imagem. Com isso, o/a fotógrafo/a não tem mais a experiência corporal de posicionar o dispositivo na altura dos olhos para realizar a imagem, mas ele/ela é desafiado a olhar para o mundo ao seu redor com o objetivo de eleger o lugar no qual apoiará o dispositivo. Em algumas imagens,

Jefferson posiciona a câmera no chão, na grama, enquanto Tayana também sustenta o dispositivo sobre o solo, assim como pousa a câmera no balcão a partir do qual a adolescente se debruça para observar as pessoas que fotografa.



Figura 2 - captura da imagem por Tayana e Jefferson com a câmera pinhole posicionada em diferentes bases de apoio.

Fonte: Adaptado do vídeo “Meu mundo teu”, 2017. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=nwHN9LT2ec8>>. Acesso em: 16 set. 2020.

É uma mudança importante em relação ao ponto de vista ordinário escolhido para apreender imgeticamente o mundo. As imagens resultantes apresentam cenas que diferem no enquadramento e no modo de visualizar a paisagem cotidiana. Casas e pessoas aparecem em proporções monumentais em decorrência desses novos modos de posicionamento da câmera. Já o tempo dilatado de exposição relega figuras humanas borradas, de aspecto evanescente, criadas pelo movimento das pessoas frente ao dispositivo estático.



Figura 3 - forma humana borrada pelo movimento frente à câmera pinhole. Imagem pertencente à “Meu mundo teu”.

Fonte: adaptado do vídeo “Meu mundo teu”, 2017. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=nwHN9LT2ec8>>. Acesso em: 16 set. 2020.

Nota-se a presença nessas imagens de uma desreferencialização do mundo. Isso é ainda intensificado pelo fato das imagens serem em preto e branco e vistas “em negativo”, ou seja, com a relação invertida de claro e escuro. Distantes da verossimilhança, percebe-se que essas imagens terminam por serem estilizadas, expondo o protagonismo da forma estética. Desse modo, movem-se em direção a uma maior abstração ao abandonarem a concretude figurativa da fotografia realista. Isso faz com que os sujeitos vejam o seu mundo, suas paisagens e pessoas a partir de um outro olhar. As lacunas dentro da visualidade cotidiana permitem à pessoa se tornar sensível a um outro modo de apreensão do mundo. Mais próximas do sonho, do devaneio e da imaginação, são imagens capazes de transportar a pessoa para o contato com o campo afetivo e estético.

Existe, portanto, uma atuação pedagógica que pode decorrer da maior abstração formal do texto imagético e desrealização da imagem. Isso porque há um estímulo à imaginação, à capacidade simbólica e à possibilidade de construção da fabulação. Pode-se entender que a fabulação é possível de acontecer nessas imagens devido ao trabalho do sujeito para apreendê-las. Nesse sentido, novas formas do visível permitem acesso a outros modos do dizível, e do pensável.

A prática fotográfica dos dois adolescentes passa ainda pela construção de uma imagem realizada no dispositivo da câmera pinhole de dois orifícios. Neste modelo de equipamento, a fotografia da direita funde suas bordas com a imagem à esquerda, formando uma espécie de díptico. Por meio dessa técnica, Tayana e Jefferson podem observar a fusão que se dá na superfície da imagem de duas espacialidades e temporalidades distintas.



Figura 4 - fotografias pinhole realizadas por Tayana e Jefferson em câmera de dois orifícios.

Fonte: Adaptado do vídeo “Meu mundo teu”, 2017. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=nwHN9LT2ec8>>. Acesso em: 16 set. 2020.

A justaposição imagética será utilizada como recurso para que posteriormente essa câmera transite entre o território de Tayana e o de Jefferson e cada um deles executará a metade da imagem final a ser complementada pelo outro. É aí que se dá de modo mais evidente, pois expressa, na materialidade visual, a aproximação entre os universos dos dois adolescentes. O objetivo de uso dessa câmera é justamente descrito por Sequeira (2014. p. 96) como sendo o de “intensificar a contaminação mútua dessas duas realidades”.

Tal direcionamento levou a uma preocupação estética presente na captura das imagens pelos dois adolescentes, pois para que visualmente as imagens parecessem fundidas era necessário preocupar-se com a presença de áreas claras ou escuras nas laterais das imagens. Tayana e Jefferson trocavam entre si informações sobre essa construção técnica, exercendo uma autoria dialogada da imagem final.

A colocação lado a lado desses diferentes mundos sociais, territórios e gostos provocava comparações e curiosidade, conforme relatado por Sequeira (2014). O diálogo que aqui se dava na superfície única da imagem final pode ser entendido, nos termos estabelecidos por Rancière (1996) como um consenso alcançado a partir de uma

divergência inicial e, portanto, um exercício político de diálogo entre diferentes que tem uma rica potencialidade de enriquecimento subjetivo.

O que Sequeira afirma sobre um trabalho posterior também vale para “Meu mundo teu”, tornando nítida a importância da colocação em relação de universos subjetivos distintos por meio da imagem.

Longe de buscar na ordenação de significações fechadas, o apaziguamento para um mundo confuso e diverso, as imagens produzidas apontam para uma tomada de consciência que corrói e faz ruir, mas que também renova e sublima a partir de novas significações adquiridas (SEQUEIRA, 2010, p. 87).

As experimentações propostas por Sequeira aos dois adolescentes incluem a produção de uma imagem única com dupla exposição. A superfície fotográfica exhibe, então, o entrelaçamento profundo de formas dos universos de Tayana e Jefferson. Pode-se compreender que nesse ponto a imagem materializa o consenso visual de experiências e mundos diversos, conforme pode ser visto na figura abaixo.



Figura 5 - dupla exposição de Tayana e Jefferson.

Fonte: SEQUEIRA, 2014, p. 103.

Essa visualidade se desdobra em imagens posteriores, realizadas com uma câmera comercial de base industrial, na qual cada um dos adolescentes utiliza uma fonte de luz (uma lanterna) que imprime ênfase visual ao iluminar objetos e espaços que têm importância para cada um dos sujeitos. Essa técnica de iluminação por uma fonte móvel de

luz, denominada de *lightpainting*, permite que Tayana e Jefferson realcem imageticamente o modo como seus universos aparecerão na imagem.



Figura 6 - dupla exposição com *lightpainting* produzida em “Meu mundo teu”.

Fonte: <<http://www.alexandresequeira.com>>. Acesso em: 16 set. 2020.

A base fotossensível utilizada nesse momento é a do filme fotográfico colorido. Por um lado, as cores aproximam essas imagens do modo de ver comum. Já por outro lado, a fusão de imagens construídas a partir do *lightpainting* permite reconduzir a visualidade para o campo do devaneio, do sonho e da fabulação, operando um distanciamento da verossimilhança cotidiana.

É aqui que opera com ainda mais força a necessidade de um devaneio fabulador que consiga dar sentido às formas fundidas na imagem. Isso porque, para Rancière (2017), tal devaneio se dá como uma abertura à experimentação dentro da narrativa. A imagem tão densamente desrealizada que Tayana e Jefferson produzem, ao fim dessa prática fotográfica, leva-os a descobrir outro tecido temporal, espacial e afetivo, no qual seus mundos se fundem por meio de uma imagem-ficção. Há uma maneira outra que, segundo Rancière, a ficção é capaz de identificar acontecimentos e atores e articulá-los segundo mundos comuns e histórias comuns. Desse modo, tal como no início da vivência fotográfica, a imagem produzida coloca-se como meio de acesso a outros modos de ver, dizer, pensar e sentir o mundo, refazendo os modos de ler e narrar experiências.

Considerações Finais

Ao longo da descrição sobre o diálogo criado por meio da fotografia em “Meu mundo teu”, é possível perceber que o tempo e o espaço exibidos nessa obra é aquele do outro. Há um encontro que transcorre por meio das imagens, cartas, ações, narrativas e vivências dos dois adolescentes e de Sequeira. A obra permite, ainda, refletir sobre a

dinâmica instaurada por meio da materialidade sensível da fotografia enquanto potência de pensamento de experiências na área da educação.

O fato do artista ser compreendido como um grande catalisador de encontros, parece ser um caminho que toma acontecimentos do âmbito artístico para produzir relações com a figura do/a professor/a. Este/a último/a, também pode atuar enquanto estímulo para trocas, convergências e compartilhamento de experiências, buscando expandir visões de mundo, habilidades de trocar experiências e produzir narrativas.

Alguns pontos que mostraram como “Meu mundo teu” é uma obra que colaborou para a produção de experiências de diálogo entre mundos. Mas, enquanto cada jovem e o fotógrafo viveram a relação de trocas e enriquecimento narrativo de seu mundo, entende-se que as nuances de tal prática para a formação política da pessoa, ainda resta a ser analisado criticamente em pesquisas futuras.

Enquanto isso, neste artigo, foi possível compreender um passo anterior relativo às implicações que uma prática artística pode ter para a formação da visão de mundo. Nesse sentido, a forma final da exposição de “Meu mundo teu” em 2007, ao lado de outros objetos que participaram de sua feitura, exibiu o que se dá de mais importante nas fotografias: a prática da narração de si e do mundo. Isso porque o encontro por meio de imagens e palavras constitui o âmbito do fazer e do criar a partir do qual Tayana e Jefferson podem conquistar a autoridade de narrarem seus mundos um para o outro.

Tal experiência de dissenso que culmina na narração de si propiciada pela imagem fotográfica não deve ter suas consequências restritas ao campo da criação de obras artísticas. Por isso, “Meu mundo teu” foi trazido aqui como meio de contribuir para o campo das experiências educacionais que buscam alargar as visões de mundo e construir pessoas emancipadas, capazes de tecer a trama de sua existência por meio da narração de si.

Não se fala aqui da simples adoção por educadores da tecnologia de captura de imagem por câmeras artesanais, mas da consideração do princípio emancipador presente na criação de narrativas dialogadas. Isso porque há relações de poder em jogo quando educadores e educandos se reúnem em prol de compreender o mundo que os cerca e percebeu-se que o protagonismo da narração do mundo por parte dos jovens é uma possível ponte para que percebam o valor de suas experiências. A atividade de produzir imagens sobre aquilo que cerca o sujeito abre também a possibilidade de protagonismo

que pode se dar na contracorrente de um sistema econômico e social que muitas vezes estimula a passividade das pessoas perante os fatos e a compreensão de mundo.

A superfície sensível em que tal metáfora do encontro entre sujeitos pode ser materializada certamente pode variar, mas “Meu mundo teu” pôde ensinar sobre resgatar vínculos, efetuar ligações entre dois sujeitos que descobriram partilhar de gostos em comum. Eles mostraram curiosidade sobre as diferenças que se deixavam entrever por contextos de vida diferentes, narrando mundos e colocando em contato níveis de realidade apartados.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BAXANDALL, Michael. **Padrões de intenção**: a explicação histórica dos quadros. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza [1933]. *In*: BARRENTO, João (org.). **O anjo da história**. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes 2009.

ECO, Umberto. **A arte esquecida da caligrafia**. Vermelho. 2009. Disponível em: <<https://vermelho.org.br/2009/09/01/umberto-eco-a-arte-esquecida-da-caligrafia/expressão>>. Acesso em: 05 set.2020.

GERALDO, Sheila Cabo. Um jogo de significações: o comum na obra de Alexandre Sequeira. **Revista Croma**, v. 5, p. 136-146, 2017.

HUIZINGA, Johann. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. Perspectiva: São Paulo, 1999.

JAY, Martin. **Songs of experience**: modern American and European variations on a universal theme. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2005.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira da Educação**, n. 19, jan/fev/mar/abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2020.

PAGNI, Pedro Ângelo. **Experiência estética, formação humana e arte de viver**: desafios filosóficos à educação escolar. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **O Desentendimento**: política e filosofia. São Paulo: Ed. 34, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **Les bords de la fiction**. Paris : Éditions du Seuil, 2017.

SALLES, Cecília. **Gesto Inacabado**: Processo de criação artística. São Paulo, Annablume, 1998.

SEQUEIRA, Alexandre. **Entre a Lapinha da Serra e o Mata Capim**: fotografias e relações de trocas simbólicas. Belo Horizonte: UFMG / Escola de Belas Artes, 2010.

SEQUEIRA, Alexandre. **Imagem, realidade e fabulação**: a reinvenção da memória na Vila de Lapinha da Serra. In: Catálogo – Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia. Belém: Diário do Pará, 2012.

SEQUEIRA, Alexandre. Meu mundo teu. In: COSTA, Ana Angélica. **Possibilidades da câmera obscura**. Rio de Janeiro: Projeto Subsolo; Funarte; SMC-RJ, 2014.

STIEGLER, Bernard. **Symbolic Misery**- Volume 1: The Hyperindustrial Epoch. Cambridge: Polity Press, 2014.

Revisor de línguas e ABNT/APA: *Bruno Pedrosa Nogueira*

Submetido em 29/09/2020

Aprovado em 22/02/2021

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)